



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 22/2022

Confere a honraria Cidadã Araraquarense à Senhora Symmy Larrat Brito de Carvalho.

Art. 1º Fica conferida, nos termos do inciso I do art. 1º do Decreto Legislativo nº 914, de 3 de março de 2015, a honraria Cidadã Araraquarense à Senhora Symmy Larrat Brito de Carvalho.

Art. 2º As despesas oriundas da aplicação deste decreto legislativo oneram dotações próprias do orçamento vigente do Poder Legislativo.

Art. 3º Este decreto legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

Sala de Sessões “Plínio de Carvalho”, 26 de maio de 2022.

FILIPA BRUNELLI

PROTÓCOLO 5203/2022 - 26/05/2022 13:00 - PROCESSO 171/2022



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

JUSTIFICATIVA

Symmy Larrat Brito de Carvalho, mulher trans paraense, enfrentou tentativas de “cura gay”, conflito familiar, conquistou o ensino superior, mas mesmo diplomada, foi para as esquinas de Belém para se prostituir. Na rua fortaleceu seu compromisso com a militância e tornou-se uma das maiores lideranças da América Latina pelos direitos LGBTIs.

Vinda de uma família ribeirinha e católica de Cametá (PA), já na puberdade conversou com a mãe, professora, sobre como se sentia a respeito da própria sexualidade, mas não foi aceita. A família então a submeteu à psicanálise para tentar “curá-la”. Logo cedo, Symmy, acabou saindo de casa e foi acolhida por um tio.

Leitora ávida, o estudo para Symmy foi a maior porta aberta em seu caminho. Aos dezessete anos, foi aprovada no curso de Comunicação Social na Universidade Federal do Pará, em Belém. Ali começou sua vida política. Entrou para o centro acadêmico e movimento estudantil. A angústia a respeito da própria identidade, no entanto, se aprofundava.

Larrat então começou a fazer performances drag queen na noite, pra dar vazão ao que sentia. Foi neste momento que Symmy Larrat começa a pensar em fazer a transição de gênero, mas tinha consciência que se fizesse, ia ter a prostituição como única alternativa. Assumir seu corpo trans seria mesmo estar na linha de frente de batalha – por cidadania e pela própria sobrevivência. No Brasil, a expectativa de vida de uma travesti é de 30 anos, enquanto a idade média geral do brasileiro é 74,6, segundo o IBGE. Além disso, transexuais e travestis ainda enfrentam uma brutal segregação: 90% trabalham na informalidade, e na maioria das vezes sem acesso a direitos trabalhistas e seguridade social – na prostituição.

Symmy Larrat tinha apenas duas referências: Rogéria e Roberta Close, ambas artistas. À medida que transicionava, a falta de representatividade de pessoas trans e travestis a fazia questionar o que poderia ela ser? Como iria viver? Como ganharia a vida? Ela não queria ser artista.

A manifestação da identidade feminina já se revelava em Symmy, o que a foi afastando do mercado de trabalho da comunicação, sua área de formação. Era muito comum na hora da contratação para um freela, desistirem porque ela era drag, ou por ter trejeitos femininos. Sua figura era algo marginal.

Mesmo com diploma, Symmy foi para as ruas da Campina e do Reduto, área do meretrício de Belém. Lá passou um período se prostituindo, foi um momento no qual aprendeu muita coisa e que a fez ser mais humana em sua militância. Para as mulheres travestis e transexuais, essa é a única alternativa muitas vezes. “Ser prostituta não é problema em si, o problema é você não poder escolher, ter como essa a única opção”, diz.

Nas esquinas da cidade, ela tomou consciência da importância política de uma mulher como ela conquistar visibilidade na sociedade. Symmy passa a se dedicar à militância. Começa a organizar a parada do orgulho LGBT e participa da fundação do Movimento LGBT do Estado do Pará. “No meu processo de aceitação interno, pensei: tenho 30 anos, não vou ser rica para fazer todas as cirurgias e me tornar a Roberta Close. Tenho duas opções: ou eu assumo o que sou ou vou viver sem alegria”, relata.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

A decisão foi tomada: era hora de se reconciliar com o espelho, com sua identidade e com a família. Symmy então chama a mulher mais importante de sua vida, sua mãe, e abre seu coração: ‘olha eu não gosto da imagem que eu vejo, eu não sou isso, eu não aguento performar uma masculinidade para as outras pessoas e ser infeliz’. E ela disse: ‘então me permite ser tua amiga? Vamos enfrentar isso juntas’. Ali ela entendeu que tinha uma filha.

Symmy recebe o convite para atuar na comunicação da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos (Sejudh). Ali passa a se ocupar de política e implanta no Pará uma rede estadual LGBT. Eram só cinco [redes] deste tipo no Brasil. Naquela época, ela colaborou na construção do projeto de nome social e o Conselho LGBT do Pará apareceu como o mais atuante do Brasil. Como Symmy era secretária geral do Conselho, isso deu a ela visibilidade. Assim, Symmy acabou se tornando a primeira travesti a ser nomeada no Governo Federal.

Em seguida, foi convidada para implantar o “Transcidadania”, projeto pioneiro e de reconhecimento internacional que focou no estímulo à escolarização e introdução ao mercado de trabalho formal da população trans. O programa deu muito certo, houve diversas pessoas que ao final dos dois primeiros anos saíram do fundamental para a universidade, pessoas que passaram pelo programa e entraram em concursos públicos.

Em poucos meses, a experiência do “Transcidadania” já inspirava projetos em países como México, Uruguai, Paraguai e Estados Unidos. Em seguida, Symmy se torna a primeira mulher trans a ser eleita presidenta da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), a maior organização de gênero e sexualidade na América Latina e Caribe.

Symmy Larrat também foi para a sessão de direitos humanos da ONU representando o governo do Brasil, teve a oportunidade de ocupar lugares que muitas trans e travestis não conseguem ocupar por conta das barreiras estruturais que as impedem. Em 2018 Symmy foi eleita pelo Guia Gay São Paulo como uma das pessoas LGBTs mais influentes do Brasil. Em 2021 foi agraciada com o Prêmio Jorge Lafond, concedido pelo Distrito Drag.

Em Araraquara, Symmy Larrat se destaca pela atuação na construção e implementação de políticas públicas para as pessoas LGBTQIA+, colaborando em projetos como a Casa de Acolhimento LGBTQIA+, o Ambulatório Trans, o Centro de Referência e Resistência LGBTQIA+ entre outras políticas públicas.

Partindo do princípio que o título de Cidadão Araraquarense é dado às pessoas ou organizações que atingiram o reconhecimento público das suas atividades, por meio de sua postura ética no desenvolvimento do trabalho à sociedade, confiro este diploma a Symmy Larrat Brito de Carvalho.

Sala de Sessões “Plínio de Carvalho”, 26 de maio de 2022.

FILIPA BRUNELLI

PROTOCOLO 5203/2022 - 26/05/2022 13:00 - PROCESSO 171/2022